

MEMÓRIA E NARRATIVAS ORAIS EM ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

A Memória, como referencial teórico e método de análise, passou a ser um importante objeto de reflexão de pesquisadores do século XX que procuram distingui-la da ciência histórica, não perdendo de vista, por sua vez, suas possibilidades de relação do presente com o passado.

Entre os pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, a memória vem se tornando objeto de estudos e análises presentes em propostas diversas de pesquisa. Preocupam-se com essas questões cientistas sociais e políticos, historiadores, arquitetos, artistas, arquivistas, comunicadores, juristas e, aparentemente inusitado, até engenheiros, físicos, administradores, gestores etc., além de ser um elemento presente nas discussões de diversos projetos de pesquisa, núcleos de estudos e programas de pós-graduação. Ora, o que leva os estudiosos, em geral, a buscarem essas possibilidades metodológicas?

Antes de mais nada, memória pode ser entendida, segundo Jacques Le Goff, pela propriedade que as pessoas têm de conservar certas informações e, por se remeter a um conjunto de funções psíquicas, que permite o sujeito atualizar impressões e informações passadas ou que representamos como passadas. E, ainda, o ato de rememoração requer um comportamento narrativo, pois trata-se da

“comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo” (LE GOFF, 2003, p. 421).

A memória também pode ser concebida no sentido individual ou coletivo, relacionado às lembranças dos indivíduos (HALBWACHS, 1990). Essas lembranças traduzem-se em representações ou símbolos, cuja expressão material visualiza-se no patrimônio cultural das populações ou comunidades, seja na forma de monumentos, edificações arquitetônicas, documentos, fotografias etc. Atualmente, considera-se, inclusive, a expressão não material desse patrimônio, tratando-se de valores e significados, costumes, tradições, expressados por outras linguagens, como, por exemplo, a dos relatos ou narrativas orais.

Por sua vez, a memória não é um fenômeno de interiorização individual, mas sim uma construção social e um fenômeno coletivo, dessa forma é modelada pelos próprios grupos sociais. A memória não é o passado, mas a rememoração desse passado feita no presente de um indivíduo e determinada pelas condições presentes naquele momento.

Nesse sentido, que fatores levam os atuais pesquisadores e estudiosos a se interessarem pela memória como método de análise de um fenômeno social? As preocupações científicas com a memória tomaram conta dos estudos das

Priscila F. Perazzo

Doutora em História Social; professora da Universidade IMES; coordenadora do Núcleo de Pesquisadoras em Memórias do ABC/ Universidade IMES.

humanidades, como no caso da sociologia e da história, já na primeira metade do século XX. Foi num tempo em que a cientificidade do conhecimento voltou-se para a subjetividade e o indivíduo passou a ter importância na sua condição singular. Essa perspectiva epistemológica também se estendeu para as preocupações sociais e políticas. No campo dos direitos, o indivíduo se destaca e se torna o foco das preocupações, sendo considerado agente de sua própria história. Foi o que se viu desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 10 de dezembro de 1948, como uma nova mentalidade social: a importância do indivíduo em todas as suas dimensões.

Acompanhando a soberania do personagem singular, a importância das minorias e o destaque para os direitos e liberdades individuais, abriu-se espaço para a subjetividade na ciência. Mas o que isso significa? Significa uma mudança na configuração da visão de mundo dos homens e mulheres do século XXI. Ou seja, quando a dimensão individual do ser humano passou a conviver ou se sobrepor às dimensões da coletividade, dos grupos homogêneos e

da perspectiva de massas e povo (enfoque e visão social da primeira metade do século XX, levada às últimas conseqüências nas décadas de 1930 e 1940), a subjetividade dos seres humanos pôde ser levada em consideração nas mais variadas dimensões da vida privada ou pública.

E como memória se articula à produção de subjetividade (GONDAR e BARRENECHEA, 2003, p. 7), pode-se dizer que esta é uma das possíveis justificativas para a atual preocupação com estudos sobre a memória, ou seja, o fato de a subjetividade ter se tornado um elemento importante na constituição do mundo moderno.

Dessa forma, a narrativa das lembranças das pessoas permite uma abordagem do sujeito em sua dimensão histórica que, por meio da sua própria experiência de vida, gera interpretações dos acontecimentos por ele vivenciados no tempo e no espaço. As lembranças pessoais se constituem em imaginários sociais, considerados como a faculdade do indivíduo em apresentar uma coisa, ou fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção, mas que são transfiguradas e deslocadas, muitas vezes de forma simbólica, para criarem novas relações inexistentes no real (LAPLATINE e TRINDADE, 1997, p. 24-25).

Quando manifestada de forma discursiva e narrativa, a memória põe em evidência um sistema de símbolos e convenções produzido e utilizado socialmente (FREITAS, 2002, p. 47). O ato de contar histórias acompanha o homem desde o início das civilizações, antes

mesmo da língua escrita. Desse modo, a fala constituiu-se em elemento fundador para que os relatos orais – fonte de saberes – ficassem gravados na memória dos indivíduos, transmitindo de geração em geração as crenças, magias, os valores, a tradição acumulados. Esses relatos foram perdendo aos poucos sua dimensão mítica com a escrita.

Atualmente, atribui-se às narrativas orais uma importância antes a elas negada. Vale lembrar que, conforme ALBERTI, a tradição oral, marcada pela inovação e pelo esquecimento, não é a história oral. No entanto, podem ocorrer “pedaços” da tradição oral nas narrativas de história de vida (2005, p.25). Essa inserção de “pedaços” da tradição oral nas entrevistas de história oral podem ocorrer de forma perceptível (por provérbios ou ditos populares) ou não. Quando não, os historiadores orais podem registrar e testemunhar, sem ter consciência, o evento fundador de um grupo. Decorre que a fonte pode, eventualmente, não servir para o que o historiador se propôs pesquisar, porém, o material gravado é importante porque mostra a relação das memórias do depoente com seu tempo, com o anterior e com o futuro, interligando o real e o simbólico, história e memória, tradição e invenção. (ALBERTI, 2005, p. 27).

Peter Burke (1992) observou a necessidade de considerar os relatos orais, de forma inovadora, salientando a importância das narrativas que partiam de mais de um ponto de vista. Isso permite ao pesquisador aceitar os relatos orais com toda sua car-

ga de subjetividade, visto que os discursos não são neutros. O narrador, de qualquer lugar social que narre, sempre fará uma edição dos fatos conforme suas crenças ou ideologias. Permite-se, então, afirmar que as narrativas orais não são nem menos verdadeiras, nem menos ficcionais do que muitas histórias oficiais, considerando que os depoentes contam seus “enredos” a partir do presente, numa recriação das circunstâncias que envolvem seu imaginário, selecionando fatos e acontecimentos, por lembranças e esquecimentos, intencionalmente ou não.

Ao combinar os métodos da história oral (constituída por um conjunto sistemático, diversificado e articulado de depoimentos gravados em torno de um tema), com o método de história de vida, que garante à história oral rigor, fidedignidade e riqueza dos depoimentos coletados, obtém-se entrevistas que não são apenas suportes documentais da pesquisa social. Considera-se a riqueza inesgotável do depoimento oral em si mesmo, como fonte não apenas informativa, mas também, “como instrumento de compreensão mais amplo e globalizante do significado da ação humana; de suas relações com a sociedade organizada, com as redes de sociabilidade, com o poder e o contrapoder existentes, e com os processos macroculturais que constituem o ambiente dentro do qual se movem os atores (CAMARGO, 1990, p. VII-VIII).

O tipo de entrevista denominada história de vida têm como “centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde

a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, viveu ou de que se inteirou" (ALBERTI, 1990 p. 20). A história oral de vida é mais subjetiva que objetiva e o depoente tem "maior liberdade para dissertar o mais livremente possível sobre sua experiência pessoal" (MEIHY, 1996, p. 35). Desse modo, a verdade está intrínseca na versão do próprio narrador, pois trata-se da sua verdade, de acordo com suas opções do que revelar ou ocultar. Nesse tipo de entrevista, as perguntas são amplas, colocadas mais como um roteiro por parte do pesquisador para ajudar o depoente a conduzir sua narrativa, seguindo a ordem cronológica da vida do entrevistado (MEIHY, 1996, p. 35).

Dessa forma, os métodos da história oral não pertencem

a um domínio estrito do conhecimento, aplicado apenas como técnica de coleta de dados na pesquisa histórica. Sua riqueza e especificidade se fazem justamente na possibilidade de prestar diversas abordagens e de se mover num terreno multidisciplinar (ALBERTI, 1990, p. 1). Esse é um dos principais fatores que vem levando muitos pesquisadores, longe da historiografia, à opção, por vezes inovadora em suas áreas, de realizar um trabalho de memória a partir da história oral, como forma de registrar as narrativas dos indivíduos.

Em parte, pode-se aqui entender as recorrências de estudos em comunicação social que se constroem por meio da memória e das narrativas orais das pessoas. As inquietações do tempo presente determinam os objetos de estudo relacionados às proble-

máticas locais, às dimensões culturais e as possibilidades mediadoras da comunicação. Portanto, os métodos da memória e da história oral inovam como instrumentos de investigação dos fenômenos sociais, que atualmente consideram as possibilidades de comunicação entre culturas.

Ainda nos estudos que relacionam comunicação e inovação, outros métodos de análise se constituem para que o pesquisador reflita de forma científica a subjetividade. É possível recorrer à análise do discurso e à perspectiva das metáforas do cotidiano para interpretar as narrativas orais da memória, muitas vezes registradas nas formas de história oral. Contudo, essas, entre outras questões, serão discutidas nas seguintes edições de Comunicação e Inovação.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. **História oral**. A experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 1990.

_____. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. **História oral**: revista da Associação Brasileira de História Oral, v. 8, n. 1, São Paulo, jan.-jun.2005.

BARBERO, Jesús Martín-. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas**. V. 1 Magia, técnica, arte e política. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 197-221.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade**. Lembrança de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

BURKE (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Ed. da Unesp, 1992.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1998.

CAMARGO, Aspásia. Prefácio. In: ALBERTI, Verena. **História oral**. A experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 1990.

CASTORIADIS, Cornélius. **A instituição imaginária da sociedade**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de S.; PEREIRA, Leonardo A. de M. **História em cousas miúdas**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2005.

DOWBOR, Ladislau; IANNI, Octávio; RESENDE, Paulo-Edgar; SILVA, Hélio (orgs). **Desafios da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória**. A problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.

GONDAR, Jô, BARRENECHEA, Miguel. **Memória e espaço**: trilhas do contemporâneo. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

LAPLANTINE, François, TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Trad. De Bernardo Leitão. Campinas: Ed Unicamp, 2003.

MORAES, Dênis de (org). **Por uma outra comunicação**. Mídia, mundialização cultural e poder. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, História e sujeito: substratos da identidade. In: **História oral**. Revista da Associação Brasileira de História Oral. n. 3, v. 3, pp. 109-116, São Paulo, jun 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Trad. Por Yara Aun Khoury. **Revista Projeto História**, v. 10, São Paulo, dez/1993, p. 7-28.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História** (15), 1997, São Paulo: PUC.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** (tomo III). São Paulo: Papyrus, 1997.

_____. **La mémoire, l'histoire, l'oubli**. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.